OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 285

21 DE NOVEMBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou o verão de S. Martinho.

O inverno abriu um largo parenthesis azul no céu negro do temporal, e Lisboa tem gosado esses dias radiantes de outomno, que são os mais formosos dos muitos formosos dias em que abunda o clima de Portugal.

Estes dias ressuscitaram a Avenida, essa Avenida da Liberdade que já figura nos jornaes parisienses, que já é citada nos *Echos* do *Figaro*, uma honra que nunca teve, que nos lembre, o Chiado, esse tradiccional Chiado que ella veio metter a um canto: das tres ás cinco horas da tarde, tudo o que ha de elegante em Lisboa vae *fazer a Avenida*, e realmente esta moda é das mais agradaveis e das mais logicas que cá tem apparecido, porque na verdade n'um bello dia de outomno esse passeio é tudo o que ha de melhor dentro de uma cidade.

E nem sempre a moda teve esse bom senso.

Houve um tempo, que não vae muito longe ainda, em que a *haute gomme* de Lisboa encarreirou para o Aterro da Boa Vista.

Como boa vista, effectivamente, esse passeio não era mau, mas como bom aroma e boa hygiene deixava muito a desejar. E tanto isto era assim que, depois de por certo tempo dar a Lisboa o passeio da moda, o Aterro brindou a capital com umas febres, da moda tambem, febres que foram baptisadas com o seu nome e que incommodaram por ahi muita gente.

A Avenida tem muito menos boa vista decerto, mas em compensação é mais ampla e menos perigosa.

Póde-se passeiar alli sem correr o risco de pagar em quinino á botica essas horas de passeio, e como elegancia, como luxo, se Lisboa fosse uma cidade de bellas equipagens como é Madrid, a Avenida da Liberdade competiria perfeitamente com o Buen Retiro.

Equipagens elegantes, porém, é que ha poucas em Lisboa; por isso as carruagens não figuram em grande numero na Avenida: passeia-se a pé, o que póde ser menos luxuoso, menos opulento, mas que no fim de tudo é mais hygienico com certeza.

A politica começa outra vez a entrar no seu periodo de actividade.

Fizeram-se eleições municipaes por esse paiz fóra, havendo como é costume, protestos aqui e alli, cantando victoria ambos os partidos, como é das bellas praxes, mas não tendo havido disturbios importantes.

Todas as preoccupações politicas, porém, tem sido até agora dominadas por uma preoccupação d'ordem mais alta e importante, a da doença de que foi acommettido em Cascaes o sr. conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho de ministros.

Essa doença, que no principio se apresentou sem nenhum caracter grave, prolongou-se demasiadamente; resistiu por muito tempo ao tratamento energico que lhe foi applicado por medicos e dos mais illustres, o sr. dr. Ravara e o sr. dr. Antonio de Lencastre.

Essa insistencia começou a alarmar os amigos pessoaes do sr conselheiro José Luciano, que são muitissimos, e d'ahi boatos assustadores que circularam com rapidez por todo o reino, durante alguns dias.

As sympathias pessoaes de que gosa o illustre presidente do conselho, juntas á importancia politica do seu alto cargo, fizeram dos boatos um verdadeiro acontecimento.

Felizmente todos elles eram falsos; a doença do sr. conselheiro José Luciano, não tinha a gravidade que motivasse terrores, ao cabo de alguma lucta começou a ceder, e agora podemos annunciar com verdadeiro jubilo, que s. ex.ª entrou em franca convalescença e que se acha já quasi completamente restabelecido d'essa enfermidade, que tão sinceramente assustou todos os seus amigos pessoaes, entre os quaes temos, de ha muito, a honra de nos contar.

Os theatros continuam a ser ainda por emquanto o acontecimento dominante d'este inverno.

O theatro do Gymnasio deu uma peça nova, uma comedia que teve em Paris um ruidoso *successo*, um *successo* tão grande que ainda dura até hoje apesar de ha muito ter passado um anno sobre a sua primeira representação. — O *Fiacre 117*.

A engraçada comedia de Millaud e Najac, encontrou em Lisboa tambem um grande exito, o que era de prevêr, desde o momento em que o publico acceitasse o seu assumpto.

Esse assumpto porém é que tinha o seu perigo por muito parisiense e um bocadinho picante.

ANTONIO ENNES — BIBLIOTHECARIO-MÓR DA BIBLIOTHECA PUBLICA DE LISBOA
(Segundo uma photographia de Fillon)

O publico porém acceitou-o sem escrupulos hypocritas, com franca jovialidade, tomando a rir aquillo que era para rir e d'ahi um *successo* enorme para a nova peça do Gymnasio, para o *Coupé 117*.

Para esse *successo* porém contribuiu muito além de tuda a sciencia de *savoir faire* theatral e de todo o espirito que Alberto Millaud e Emilio de Najac espalharam ás mãos cheias pela peça, o desempenho excellente que lhe deram os actores do Gymnasio.

E esse desempenho não era facil, com toda a certeza, a começar pelo papel principal de mulher, um papel feito expressamente para a Chaumont, uma actriz celebre d'um feitio especial, e a terminar no papel de cocheiro, um typo muito parisiense que foi uma corôa de gloria para o comico Lassouche.

A actriz Beatriz Rente desempenhou maravilhosamente o papel da Chaumont. Foi completissima nas phases differentes d'esse papel difficil, comprehendeu-o com uma intelligencia superior, executou-o com um talento brilhante, que lhe vale todas as noites ruidosos applausos.

O papel de m.me Vaucresson ficará sendo com certeza um dos maiores triumphos da sua bella carreira artistica.

O papel de Vaucresson, o marido tinha difficuldades enormes de representação e até mesmo de distribuição. N'umas scenas pedia um actor de *dizer*, n'outras um actor francamente comico.

Mas, no fim de contas, o que esse papel pedia como todos os papeis difficeis, era um actor de grande talento; e o *successo* enorme que n'elle alcançou o actor Valle, mostrou eloquentemente que era isso que elle pedia.

O sr. Alfredo de Carvalho um comico de talento innegavel, um futuro grande actor com certeza, mas de um feitio muito especial, que tinha feito com que elle até agora não mostrasse ainda bem ao publico o que valia, encontrou no papel de cocheiro Belgrade ensejo apropriado para começar as revelações notaveis da sua notavel aptidão.

No desempenho do *Coupé 117* competia-lhe um dos primeiros logares, e um dos primeiros logares lhe competiu tambem no *successo* da comedia.

No primeiro acto da comedia ha um personagem comico magnifico, que não torna a apparecer nos outros actos — o commissario de policia.

O actor Gama, um actor muito illustre, festejadissimo nos theatros do Porto onde tem feito a sua brilhante carreira, e que este anno veio alistar-se entre os actores distinctos de Lisboa, desempenhou esse papel com uma boa veia comica, com uma grande correcção artistica, fazendo valer toda a importancia do papel com uma arte muito bem estudada e uma sobriedade de bom gosto.

É a esse commissario de policia que compete o que na peça ha de mais perigoso — a exposição do seu assumpto picante.

Gama houve-se n'isso com uma intelligencia de mestre, sem aggravando o escabroso do que tinha a dizer soblinhando intenções maliciosas, dando-lhe um tom natural, sério, de um comico irresistivel que predispoz perfeitamente o publico.

Silveira representou excellentemente o papel de advogado Portenville, com um grande bom humor e uma expontaniedade de *verve* que lhe mereceu muitos applausos.

Os outros papeis são de pouca importancia, o que não quer dizer que não fossem bem cuidados, sobretudo o papel do actor Telmo, que o disse muito distinctemente e o do actor Soccorro que fez com muita graça, um papel pequeno, pondo em relevo todos os seus effeitos comicos.

Os outros tres papeis pertenceram a tres principiantes, á sr.ª Adelina Nunes, uma rapariguinha que tem decidida vocação, á sr.ª Emilia Lopes, uma actriz que veio do Porto, que é graciosa e intelligente e ao actor Pinheiro, que fez n'esta peça o seu segundo *debute*.

O sr. Pinheiro como já uma vez dissemos, afigura-se nos um futuro artista.

No papel do *Coupé 117* continuamos a manter a nossa opinião.

A individualidade do personagem está bem achada; é aquella com um bocadinho mais de exaggeração.

Mas exaggerar é em todas as artes o defeito d'aquelles que começam e que tem talento.

O *juste milieu* só o dá a practica, o estudo, o tempo.

Passar do limite marcado é um defeito, mas é um bello defeito nos que principiam.

Não chegar lá é que é um symptoma terrivel.

E tendo falado de todos os artistas que deram ao *Coupé 117* um desempenho tão correcto, não devemos esquecer a parte que na harmonia d'esse *ensemble* e no *successo* d'essa comedia pertence ao distincto ensaiador do Gymnasio, o Leopoldo de Carvalho, que ensaiou essa comedia com a boa vontade, com o estudo, com a intelligencia notavel que lhe tem valido tantos applausos e lhe tem dado a fama justissima de que gosa.

O theatro de S. Carlos deu-nos o *Mephistopheles* em quanto espera o novo tenor que vem substituir o sr. Cardinali.

O *Mephistopheles* cujo exito nos tres primeiros actos parecia um pouco hesitante, accentuou-se como um grande *successo* nos dois ultimos.

O acto da morte de Margarida, e todo o acto passado na Grecia, foram mais uma glorificação do talento enorme da sr.ª Theodorini, como cantora e como comediante.

Os outros artistas, o sr. Vidal, o sr. Valero e a sr.ª Stahl houveram-se correctamente nos seus papeis, mas o grande *successo* da opera foi para a Theodorini, assombrosa de talento e de arte e para o maestro Mancinelli, que pela primeira vez em Lisboa regia a opera de Boito, fazendo valer extraordinariamente com effeitos instrumentaes inteiramente novos para nós.

Agora annuncia-se a *Carmen* por estes dias, e a *Aida*, em que debutará o novo tenor.

Que Deus o traga em boa hora.

Gervasio Lobato.

ANTONIO ENNES

A biographia de Antonio Ennes, do escriptor illustre que foi chamado a succeder ao sr. conselheiro Mendes Leal, no alto cargo litterario de bibliothecario mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa é apezar de gloriosa, facilima de fazer.

Occupando um dos logares proeminentes na geração litteraria do nosso tempo, sendo uma das figuras mais distinctas e mais salientes da galeria dos homens de lettras mais illustres de hoje, a physionomia de Antonio Ennes é bem conhecida de todos, de todos conhecida a sua vida curta e brilhante, de todos apreciadas as altas qualidades do seu talento grave, sério, robustissimo, accentuado brilhantemeate no jornalismo, na historia, no romance, na critica, e sobre tudo no theatro, que tem sido a manifestação mais radiante da sua poderosa individualidade litteraria.

Antonio Ennes apezar dos cabellos brancos que de ha muito tempo lhe fabricam uma apparencia de avançada edade, tem hoje ainda apenas trinta e oito annos, e de todos os dados da sua biographia é este talvez e unico que póde causar alguma surpreza a todos aquelles que não tenham, como nós, seguido passo a passo Antonio Ennes, desde a sua entrada no Lyceu de Lisboa até hoje.

Nasceu em 15 de agosto de 1848 e tinha dezeseis annos quando nós, com quatorze, o encontramos pela primeira vez nos bancos da aula de portuguez do dr. Joaquim Freire de Macedo, um excellente homem e um excellente professor que ha muitos annos já dorme o ultimo somno, na tranquillidade do tumulo.

Antonio Ennes vinha para alli do collegio dos jesuitas onde recebera a sua primeira educação, atravessou o Lyceu deixando de si uma grande fama de bom estudante, e saiu para o curso superior de lettras onde continuou essa fama, e onde nós, quando entrámos, o encontrámos já saindo coberto de distincções.

Na tradicção academica o illustre escriptor de hoje deixou um nome cheio de gloria, e *graduado em lettras* um titulo honorifico a que poucos alumnos no curso superior de lettras se tem habilitado. Antonio Ennes depois de ter defendido brilhantemente uma these em que teve por argumentadores, Jayme Moniz, Rebello da Silva, Augusto Seromenho, Sousa Lobo e conselheiro Viale, em vez de continuar a vida litteraria, que academicamente encetára tão gloriosamente, desappareceu de repente do mundo das lettras, e durante annos não deu que falar de si, mettido em escriptorios commerciaes, todo embrenhado em contas, em cifras, em preoccupações de uma ordem muito differente d'aquellas para que o seu elevado espirito fôra previlegiadamente talhado.

E um bello dia, Antonio Ennes que todos os seus condiscipulos pensavam ver um dia homem de lettras illustre, apresentou-se de subito no *Instituto Industrial de Lisboa* a disputar em concurso publico... uma cadeira de escripturação commercial.

Felizmente apezar das suas bellas licções oraes, Antonio Ennes foi preterido n'esse concurso por um rapasinho então ainda desconhecido completamente, mas que tinha esse a vocação das cifras como Ennes tinha a vocação das lettras, o sr. Rodrigo Affonso Pequito, tambem um nosso antigo companheiro das escolas cujo nome principiou então a abrir o seu caminho.

Decididamente Antonio Ennes não era para o commercio nem o commercio era para elle.

Comprehenderam n'o e divorciaram-se muito a tempo.

Fizeram muito bem.

Semanas depois d'esse concurso Antonio Ennes filliava-se no partido historico, que tinha então por chefe o sr. duque de Loulé, e entrava para a redacção da *Gazeta do Povo* primeiro, e tomava d'alli a pouco a direcção do jornal o *Paiz*.

Os primeiros artigos de Antonio Ennes denunciavam logo alguem. No seu estylo havia uma primorosa fórma litteraria que nem sempre acompanha os artigos de fundo, na sua argumentação havia umas altas qualidades de espirito, que revelavam o escriptor notavel.

Entretanto essa fórma não era ainda aquella em que os dotes especiaes e excepcionaes de Antonio Ennes se deviam accentuar mais poderosamente.

O theatro de que devia ser uma das mais radiantes glorias, attrahia-o, fascinava-o. E uma noite sem mais nem mais, o cartaz do Gymnasio annunciou a primeira representação d'um drama em tres actos, original de Antonio Ennes, intitulado *Os Lazaristas*.

Esta estreia arrojada, esta entrada logo pelas grandes portas, onde muitos não se atrevem a bater senão depois de longo tirocinio, despertou enorme curiosidade.

Toda a gente se lembra ainda, porque não vae muito longe essa noite, o que foi a primeira representação dos *Lazaristas*.

Um *successo* triumphal como raros tem havido em theatro portuguez.

O arrojo da idea, a belleza da fórma, o talento que trasbordava de cada phrase, delicadamente cinzelada com o acabamento primoroso d'um artista, e vibrada com a vehemencia eloquente d'um tribuno atrevido, fizeram com que o publico não esperasse pelo final dos actos, e que no meio das scenas, por entre os dialogos, chamasse ao proscenio e acclamasse n'um delirio de applausos aquelle auctor novo, que soubera enthusiasmal-o com o seu verbo ardente, vibrante, cheio de convicção e de sinceridade.

Como um tenor no fim d'uma romanza bem cantada, Antonio Ennes era chamado ao palco no fim de cada *tirada* pelo meio dos dialogos, e victoriado n'uma verdadeira apotheose.

Havia muito tempo que no theatro portuguez se não via semelhante festa e o debute de Antonio Ennes como dramaturgo, foi logo uma glorificação: o seu primeiro passo collocou-o de vez, sem hesitacões, entre as nossas primeiras glorias theatraes.

E o *successo* da primeira noite, prolongou se por muitas noites, por uma época inteira.

Os Lazaristas foram para o theatro um exito de dinheiro como uma peça de grande espectaculo, uma d'essas *machines* habeis e dispendiosas que os emprezarios montam para *clou* dos seus reportorios.

E entretanto n'esses *Lazaristas* que encheram um theatro uma época toda, que foram a boa fortuna d'uma empreza, tinham apenas tres actos e cinco ou seis personagens.

Mas além d'isso tinham duas coisas que em muitas peças não ha, — a convicção d'uma grande idéa e a revelação d'um grande talento.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

PONTE LUIZ I

No dia 1 de dezembro de 1881 pelas tres horas e meia da tarde, procedeu se com toda a solemnidade e com assistencia da familia real, á inauguração dos trabalhos da grandiosa ponte Luiz I, cujo taboleiro superior acaba de ser aberto ao transito publico.

A ceremonia realisou-se na serra do Pilar, fazendo el rei o sr. D. Luiz saltar um pedaço de rocha, por meio d'uma corrente electrica que se communicou ao cartucho de dynamite introduzido na mesma rocha, e d'ahi a poucos dias encetavam-se as obras d'esse verdadeiro monumento de engenheria moderna.

A construcção d'esta ponte foi determinada pela necessidade da substituição da ponte pensil, cujo praso fixo de duração, tornava indispensavel o seu desapparecimento em um periodo que já havia decorrido.

Posta a concurso a nova ponte foi adjudicada por contracto de 28 de novembro de 1881 e pela

quantia de 369:000$000, não contando com as expropriações e obras complementares, á *Société Anonyme de construction et des ateliers de Willebroeck*, da Belgica.

O projecto é do distinctissimo engenheiro Theophilo Seyrig, que tambem havia já delineado o da ponte Maria Pia.

Construcção arrojada pela altura e extensão e pelos detalhes da sua estructura, representa ella uma das obras mais monumentaes no seu genero, que hoje existem.

Constituida por dois taboleiros metalicos, sustentados por um grande arco de ferro e por cinco pilares, o taboleiro superior galga o vacuo do rio Douro que medeia entre a escarpa da serra do Pilar e o cimo da colina do Codeçal.

O referido taboleiro mede 391 metros e 25 centimetros de extensão e apoia se sobre o arco e sobre 3 pilares metalicos, 2 de alvenaria e 2 encontros que se ligam ás avenidas. Fica á altura de 62 metros e 20 centimetros sobre o zero hidrographico ou do nivel do da maxima baixa mar equinoxial do oceano, na testa da barra e tem 8 metros de largo, tendo 5 metros e meio de faxa de rodagem e 2 metros e meio divididos por dois passeios lateraes de 1 metro e 25 centimetros cada um.

A faxa de rodagem fixa-se sobre a viga armada, de rotula larga; e os dois passeios, sobre consolos de ferro exteriores ligados á viga e á testa do arco, na parte central. O pavimento é calçado a parallelepipedos de madeira de pinho resinoso injectado e o dos passeios a ladrilhos de grés estriados, com fachas e valetas de granito. Fórma o guardeamento d'este taboleiro um elegante anteparo de ferro laminado e com a altura de 1 metro.

O grande arco de ferro tem 172 metros e 50 centimetros de abertura (mais 12 metros e 50 centimetros do que o da ponte Maria Pia) e 45 metros de flexa, sendo formado por dois arcos similhantes nas testas, ligados entre si por contraventamentos, com um desvio de 16 metros na origem e de 6 metros na parte mais elevada do arco.

Suspenso d'este por quatro alças metalicas contraventadas e apoiando-se pelas extremidades nos pegôas de cantaria que servem de base ao referido arco, acha-se o taboleiro inferior, de 174 metros de extensão e 8 de largo, sendo 6 de faxa de rolagem á mac-adam e 2 de passeios, de 1 metro cada um, de chapa de ferro estriada. Este taboleiro fica á altura de 11 metros e 70 centimetros sobre o zero hidrographico e distanciado 50 metros e 54 centimetros do superior. É sustentado por duas vigas superiores de ferro em rotula de malha larga com a altura de 3 metros e meio e parapeitado interiormente com um gradeamento identico ao do taboleiro superior.

O peso total de toda a parte metalica, é de 3.300 toneladas.

Dão entrada para estas duas avenidas. A do lado do Porto tem 16 metros e sessenta centimetros de largo, com uma facha de 80 centimetros para construcções futuras, e a do lado de Gaya tem 5 metros e 40 centimetros (!), descrevendo logo á sahida da ponte uma apertada curva. Aquella é calçada a paralelepipedos de pedra de Canellas e esta a mac-adam.

Quanto ás avenidas inferiores em construcção, só tarde estarão concluidas em consequencia de, para a do lado do Porto, ser necessario romper a alavanca, a enorme pedreira dos Guindaes.

O assentamento da ponte Luiz I, dirigido pelo habil engenheiro da companhia constructora o sr. Maury, que está actualmente dirigindo tambem as obras do porto de abrigo do Funchal, offereceu por vezes difficuldades, sendo uma das principaes o encontrar-se apoio seguro para os alicerces do pilar n.º 2, junto aos Guindaes.

Todos esses embaraços porém se venceram, e hoje essa soberba obra de arte, campeia altiva e elegante, offerecendo aos habitantes da cidade do Porto não só mais uma grande commodidade, como tambem um dos passeios mais seductores pela formosura da paisagem pittoresca e dos esplendidos golpes de vista que se deparam do centro do taboleiro superior, e mesmo das suas extremidades n'uma das quaes se ergue a historica serra do Pilar, de onde se estende um panorama magnifico.

A inauguração do referido taboleiro realisou-se com solemnidade no dia 31 de outubro ultimo, anniversario natalicio de el-rei o sr. D. Luiz.

Pela uma hora da tarde, o sr. cardeal D. Americo devidamente paramentado e rodeado pelo cabido e mais clero, sahiu da cathedral processionalmente, seguindo-o todas as authoridades civis e militares, corpo consular, corporações, membros da imprensa, titulares, etc., em direcção á avenida onde tomou logar em um solio para esse fim construido. Recitadas as orações do ritual, os srs. presidente da camara municipal e governador civil, descerraram as bandeiras portugueza e italiana, que vedavam a entrada na ponte, percorrendo depois todo o taboleiro o eminentissimo prelado, que ia aspergindo, e as demais pessoas convidadas para a cerimonia.

Ao chegar o cortejo ao centro da ponte, a fortaleza da serra do Pilar deu uma salva de artilheria, estrondeando ao mesmo tempo girandolas de foguetes.

Ao fim do taboleiro, aguardavam o sr. cardeal, a camara de Gaya e outras authoridades d'aquella villa, que depois se incorporaram no prestito.

O cortejo, voltando á avenida direita, tomou logar em um pavilhão ali levantado, e no qual occupou a cadeira de honra o sr. cardeal D. Americo, sentando se aos lados os srs. governador civil, presidente da camara, general da divisão e presidente do tribunal da relação. Lido o auto da inauguração foi assignado por s. em.cia e por todas as authoridades e demais pessoas convidadas, depois do que o prelado voltou para a Sé, seguido pelo mesmo cortejo.

Logo apoz o acto inaugural, o taboleiro superior foi franqueado ao publico, e a multidão, que se apertava nas ruas convisinhas, precipitou-se n'elle, como uma onda enorme, alastrando o completamente.

Com um peso tão consideravel e com o movimento do povo, o taboleiro começou a oscillar, produzindo nos transeuntes os mesmos effeitos que se dão no tombadilho de um navio.

Isto, para alguns timoratos, foi o mesmo que a ponte estivesse a desabar, e ao primeiro grito de susto, o povoleo começou a fugir desorientado e preso de um panico indescriptivel.

Por fortuna o socego restabeleceu se immediatamente, e tranquilisados os animos sobre a segurança da ponte, as quedas e as vertigens causadas pelas oscillações do taboleiro, transformaram-se em episodios burlescos com que a multidão se alegrava sobremodo.

O povo convenceu-se com aquella prova extraordinaria, de que a imponente obra de arte nenhum receio podia inspirar, e hoje apesar do transito ser menor do que n'aquelle dia, percorream-a centenares de pessoas e vehiculos de todo o genero, faltando apenas transitar pelo referido taboleiro os carros americanos, para o que se acham n'elle fixados os respectivos carris.

Ha projecto de estabelecer um elevador vertical entre os dois taboleiros, e se isso se levar a effeito, será mais uma grande commodidade para o publico.

Porto — Novembro.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CAVA DE VIRIATO

Era uma fortaleza mandada edificar por Caio Negidio (ou Vetilio) em éra anterior ao nascimento de Christo. A sua fórma era octogonal, constituida por grossas muralhas em torno das quaes corria um grande fosso.

N'ella se abrigavam os romanos e era considerada inexpugnavel, até que Viriato II á testa dos Herminios, conseguiu conquistal-a, derrotando os romanos, á frente dos quaes estavam Caio Negidio e Quinto Spião.

Scipião não podendo conformar-se com esta perda, empregou todos os meios para se vingar de Viriato, e subornando tres soldados lusitanos com promessas de grandes riquezas, estes assassinaram Viriato que já estava de posse da Cava.

Quando em 1471 o cabido da Sé de Vizeu tomou conta da Cava de Viriato, existia dentro de seus muros uma capella dedicada a S. Jorge, a qual desappareceu em ruinas, e assim teem ido desapparecendo as muralhas e mais edificações que haviam d'este monumento da antiga Lusitania.

A Cava de Viriato ostenta hoje dentro de seus muros, arvores seculares que dão sombra a extensas ruas, onde se póde passeiar agradavelmente

É uma das coisas mais bonitas e ao mesmo tempo mais celebremente historicas, que se póde vêr em Vizeu.

PELOURINHO DE COLLARES

A villa de Collares pertence ao concelho de Cintra e está situada 30 kilometros ao NO. de Lisboa, muito proxima do Oceano.

É povoação antiquissima e anterior á fundação da monarchia, não se sabendo o nome que tinha na antiguidade.

Sobre a sua denominação de Collares, conta-se entre outras historias, a de uma moura, que empenhou os seus collares preciosos para edificar n'aquelle sitio um formoso castello.

Entre os habitantes corre a tradicção de que umas ruinas que existem proximas do pelourinho, e que se vêem na gravura que publicamos, são os restos da tal edificação mandada fazer pela moura.

Nós não cremos em tal, porque essas ruinas não teem vestigios de edificação mourisca, além de nos parecer a historia dos collares, pouco auctorisada para dar o nome á villa.

Acreditamos muito mais no esplendido vinho e nas magnificas fructas que Collares produz, no seu bello clima e na sua ridente paizagem que nos encanta

D. João I para recompensar os serviços de D. Nuno Alvares Pereira, deu a villa de Collares a este varão, logo depois da batalha de Aljubarrota, dadiva que passou aos seus descendentes, e depois á infanta D. Beatriz, mãe de el-rei D. Manuel, entrando na posse do Estado por morte d'esta senhora.

O seu pelourinho é bastante elegante e antiquissimo, o qual vamos archivando nas nossas paginas, onde já se contam muitos outros, antes que o tempo e o progresso o façam desapparecer.

A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 282)

Ao descrever as festas da inauguração da estação *Luciano Cordeiro*, e escola, dissemos que se acharam presentes alguns filhos do Congo. Já tambem fizemos notar que por esta expressão se deve sempre entender, os subditos de um certo potentado, os naturaes ou habitantes de certa localidade.

Vamos agora contar a historia d'estes filhos do Congo, que tempos antes se haviam apresentado aos nossos expedicionarios.

No dia seguinte ao da chegada da expedição á terra do Cahungúla, apresentaram-se ao Chefe da Expedição, major Dias de Carvalho, uns quatorze homens com um velho, aquelles cobertos de pelles, e este envolto em uma especie de lençol e um casacão. Dois d'elles fallavam regularmente o portuguez.

«Somos filhos do *Rei do Congo*, disseram elles, e estamos aqui ha um mez de regresso da Musumba, e sabendo que vinha para aqui o sr. major do nosso *Rei portuguez*, irmão e protector dos filhos do Congo, temol o esperado para o cumprimentar, e pedir-lhe protecção. Pedimos nós, pois agora, que temos a fortuna de vos ver, justiça, contra o modo brutal por que havemos sido tratados e roubados desde que sahimos do Musumba.»

Aproveitando tão boa occasião de exercitar um poder entre aquelles meio-selvagens, e de fazer justiça direita, a fim de dar força e credito á auctoridade de que se achava revestido, e ao auxilio que se lhe pedia, agradeceu o chefe o cumprimento que faziam ao seu soberano, e a confiança que n'elle mostravam, prometteu fazer-lhes justiça, rogando-lhes só que aguardassem occasião de mais descanço, porque tinha por então negocios de muita importancia a tratar; e por isso que á tarde com mais vagar os ouviria.

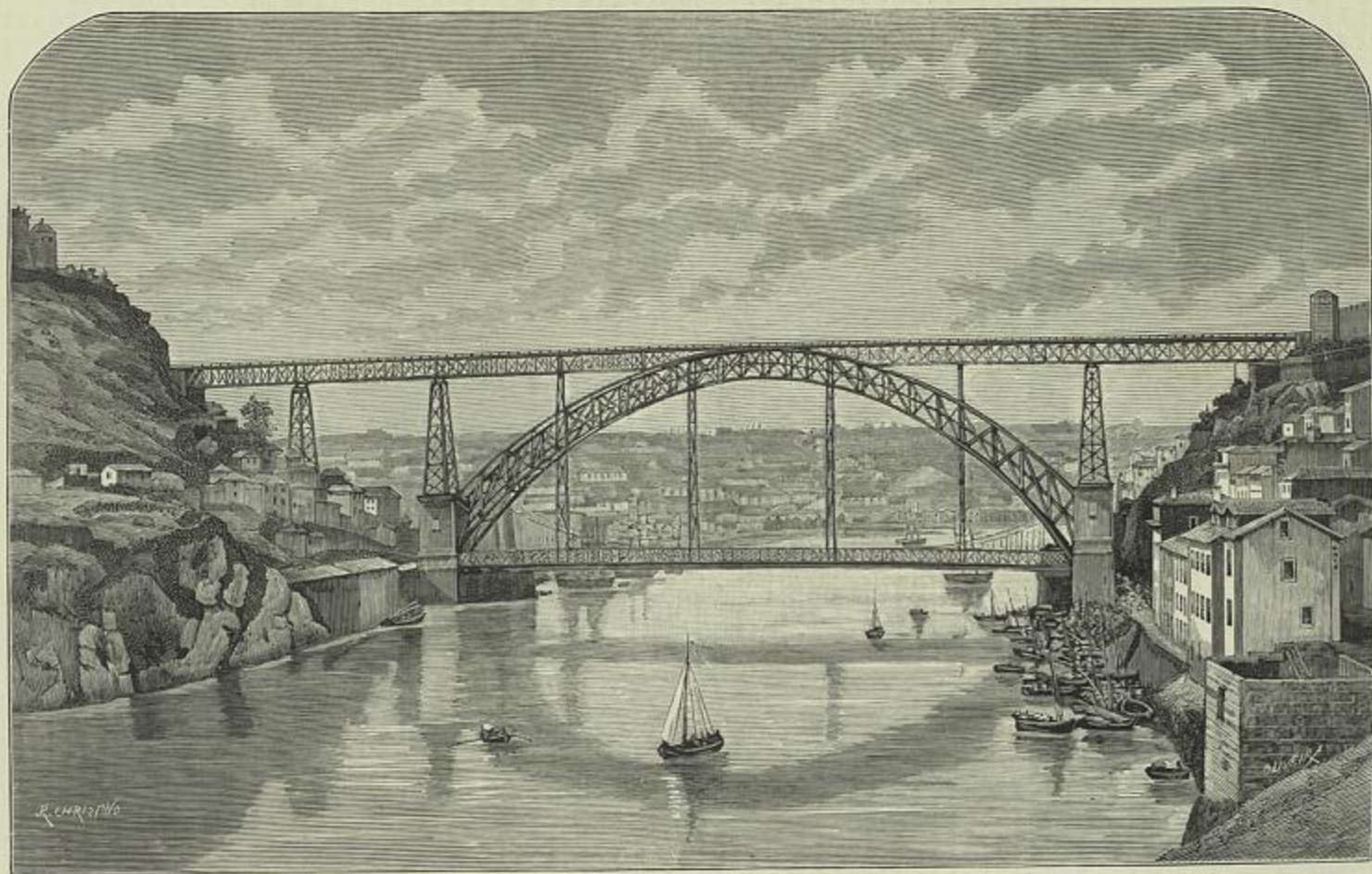
Effectivamente estava-se preparando para assistir á primeira entrevista do Cahungula com o Muata-Yanvo (*Quibunsa*).

Assim se resolveu. Depois da entrevista, e pela tarde, voltaram os quinze negros.

Em resumo, da sua exposição, resulta o seguinte:

Faziam parte, estes negros, de uma grande expedição que o rei do Congo, enviara com seu proprio filho D. Miguel. Falleceu este, e os seus companheiros transportavam a sua ossada envolta em um pedaço de fazenda dentro de um cesto, e traziam algumas pontas de marfim para o seu rei e para mais alguns potentados.

O Muata que então reinava, *Congárua*, encarregara o de *Nguso* de os fazer acompanhar por um *Cacuáta*, mas sabendo este que o *Muriba* avançava sobre a *Musumba*, demorou-os e roubou-os, e por isso ainda lá retinha uns 20 homens da caravana. Mais adeante em Matába, o potentado expoliou-os tambem, e ficaram lá 10, partindo os outros para o Cahungula, sendo tambem alli roubados por outro Cacuáta. Este porém estava já ao serviço do novo Muata, e vinha com *Quibunsa* e com a nossa expedição desde a estação *cidade do Porto*.

Os povos por onde tiveram que passar tambem os foram dezimando, e em troca dos bons pannos que vestiam, lhes deram as pelles ordinarias com que estavam cobertos. «Temos soffrido muita fome, diziam elles, e a respeito de vestuarios temos o que vêdes.»

PONTE LUIZ I, NO PORTO — ABERTA Á CIRCULAÇÃO PUBLICA NO DIA 31 DE OUTUBRO DE 1886 (Segundo uma photographia de Peixoto & Irmão)

«Contaram tudo isso ao Cahungula? perguntou o Chefe, e como os tem tratado?»

«Falámos, responderam os miseros, mas Cahungula, disse, não póde fazer nada aqui, porque esse cacuáta pertence á *Musumba*, está ao serviço do novo *Muata Yanvo* que nós esperavamos, e que vem com *Muene-puto*. Deu-me porém este casaco e este panno, accrescentou Paulo, por eu ser o mais velho e representante de *Muene-Congo* e um dia por outro tem-nos mandado alguma pouca de mandióca, para nos sustentarmos.»

«Bem, disse Dias de Carvalho, tratemos primeiro da fome; ficam trabalhando por conta de Sua Magestade o nosso rei na estação que vamos fundar; vão acarretar materiaes e mais artigos para a construcção, dou-lhes rações, e como quero apresental-os ámanhã ao *Muata Yanvo*, vão buscar feixes de capim secco, e no fim do dia receberá cada um dois metros de panno, em logar d'essas pelles, e depois trataremos do mais.»

Dito e feito. Ficaram ao menos contentes.

Em seguida o Chefe foi ter com D. Sebastião (Quibunsa) contou-lhe a historia d'aquelles desgraçados, a necessidade que elle tinha de viver bem, e em harmonia com o rei do Congo e que era mister que o seu Cacuáta lhes entregasse o roubo que lhes fizera. Verdade era que fôra praticado antes de entrar para o seu serviço, mas que era de esperar que elle os contentasse, ou fazendo com que apresentasse o roubo, ou o valor correspondente, e em seguida fosse fazendo justiça, porque isso lhe era muito util, para que os seus o respeitem e os visinhos confiem n'elle e o estimem.

Agradaram-lhe, ao que parece, estas razões.

No dia seguinte foram os filhos do Congo apresentados pelo Chefe, no seu acampamento, porque ainda não havia estação, ao Quibunsa, com varias cerimonias, que seria longo descrever.

D. Sebastião (*Muata*) recebeu-os affavelmente, lamentou o que lhes havia succedido, protestou-lhes o seu respeito e amisade pelo seu irmão Muene-Congo, e disse-lhes que pela amisade do representante do *Muene-puto*, seu respeitado irmão, e representação que elle fizera, lhes mandava entregar o equivalente da perda que haviam tido, porque os objectos roubados já não era possivel rehavel-os.

Agradeceram muito os pobres negros e ficaram já muito satisfeitos.

(Continúa) *J. B.*

A Cava de Viriato, em Vizeu (Segundo uma photographia de Rocha)

JOSÉ GOMES GOES

(Continuado do n.º 278)

Chegámos á epoca em que José Gomes Goes entra na vida publica, e então mais alguns dados se nos offerecem, como pontos de referencia, para nos guiarem no espinhoso encargo que tomámos.

Abrira-se em 1854 concurso para um logar de official da bibliotheca publica de Lisboa, e a elle concorreu Goes. Como quasi sempre succede nos concursos para aquelles logares ou para os da Torre do Tombo, achou-se só.

Effectivamente as habilitações que se exigem, os pontos a que se tem que satisfazer, estão em tal desharmonia com os vencimentos do emprego, que qualquer individuo preferiria de bom grado ser porteiro de uma secretaria de estado, correio a pé ou a cavallo, cobrador da companhia das aguas, sacristão ou andador das almas, senão fosse uma certa caturrice, que até nos proprios mancebos os incita antes a inclinarem-se para qualquer emprego onde possam dar pasto ao espirito, do que para aquelles que só lhes satisfaçam com mais folgança as necessidades do estomago.

Effectivamente pode qualquer individuo, sabendo apenas ler e escrever, ainda que a lettra se assimelhe aos engaços das passas, como dizia A. Herculano, ser nomeado amanuense de uma secretaria de estado com o vencimento de 30$000 réis mensaes, e isto por nomeação simples do ministro, sem preceder concurso, e pode ainda obter qualquer logar da fiscalisação aduaneira pelo mesmo methodo, mas a maior parte da gente ignora que para se obter o ordenado de 200$000 réis annuaes, que é o de um amanuense da Torre do Tombo, ha a satisfazer a um concurso, cujos pontos são de tal maneira difficeis, pelos conhecimentos que demandam no concorrente, que a maior parte dos empregados do estado, ainda os que occupam as mais altas posições, não seriam capazes de satisfazer a elles.

Dizendo-se que o official maior da Torre do Tombo, logar que, pela sua altura e dignidade, sempre foi equiparado aos officiaes maiores das secretarias de estado, hoje chamados directores, tem um ordenado inferior ou igual ao dos porteiros d'essas secretarias, é dizer tudo, é mostrar como nas cem mil reformas que temos soffrido ha 35 annos tem havido o maior desencontro, a maior falta de attenção a todas as repartições, o maior desequilibrio em tudo.

Quem quizer verificar este ponto curioso da organisação do ministerio do reino, abra o orçamento e verificará que não recontamos lenda alguma da edade media, apesar dos vencimentos d'aquelles empregados serem quasi os d'aquelle periodo.

É o que dizemos da Torre do Tombo dizemos da Bibliotheca Nacional, onde assim mesmo já houve uma melhoria de vencimentos em 1863, e outra em julho de 1885, mas, ainda assim, á custa do numero d'elles, que foi reduzido, com bastante prejuizo do serviço publico.

E, aproveitando a occasião que se proporciona, diremos alguma coisa sobre a maneira como foi

reorganisada a bibliotheca nacional, e o que nos parece que se deverá fazer para que aquelle estabelecimento e o da Torre do Tombo satisfaçam a todas as conveniencias do publico estudioso.

Havia na bibliotheca 3 conservadores, 4 primeiros officiaes e 2 segundos, até á reforma de 24 de julho de 1885; o serviço para o publico era feito apenas de dia, desde as 10 horas da manhã até ás 4 e meia da tarde de inverno, e até ás 6 ou 6 e meia de verão.

Em 1882 foi apresentado um projecto na camara dos deputados, que, sem mais exame, nem informação, nem estudo, foi convertido em lei, a 18 de janeiro de 1883, determinando que as bibliothecas estivessem abertas á noite. O espirito menos obtuso, ou o mais desprevenido reconheceria logo á primeira vista o grave d'esta medida.

Era em primeiro logar necessario reconhecer a disposição dos edificios, onde a lei tinha de ser applicada; ver em qual dos seus compartimentos deveria ser estabelecida a sala de leitura nocturna, a fim de que os leitores tivessem a commodidade necessaria, luz bem distribuida, de modo que não podessem receber prejuizo com ella, ventilação sufficiente e de maneira tal regulada, que a temperatura se não elevasse na sala a mais de 25 graus, por exemplo, e que ao mesmo tempo não estabelecesse correntes de ar que ferissem os leitores na sua passagem. Era necessario estudar o systema de illuminação, para satisfazer aos dois fins, de dar luz conveniente aos leitores, e não poder prejudicar de forma alguma o edificio e a grande importancia dos valores n'elle archivados, por meio de explosões, aquecimento demasiado, fumo proveniente da combustão, etc. E em seguida ver o numero de empregados que se havia mister, e a gratificação que lhes havia de ser dada.

Infelizmente, como *abyssus abyssum invocat*, á insensatez da medida respondeu a insensatez da execução.

O edificio onde se acha estabelecida a bibliotheca nacional de Lisboa não pode ser mais improprio para similhante fim. Convento de frades, composto de longos corredores, ladeados de estreitas e acanhadas cellas, nunca pode ser uma bibliotheca, já não dizemos modelo, mas sequer toleravel.

Dizia nos uma vez um habil coronel de engenheria, hoje general de divisão, andando em visita a um quartel, onde nos achavamos de serviço, e que havia sido convento, que não conhecia senão uma applicação boa que se podesse dar a um convento de frades, e, depois de nos ter a todos suspensos por alguns minutos, em que cada um aventou diversas soluções, explicou elle: «a unica applicação possivel de um convento de frades é para convento de freiras»

O governo lançando mão dos conventos para os adaptar ao serviço de certas repartições publicas, soffreu dois prejuizos: inutilisou valores importantes, que, vendidos a particulares para usos industriaes ou outros, podiam produzir verbas quantiosas, e creou um sorvedouro permanente de despezas, que desde 1834 para cá tem absorvido sommas consideraveis, ficando sempre os edificios a que são applicadas insufficientes e acanhados, senão peiores do que eram algumas vezes.

O convento de S. Bento dos frades, convertido em palacio das côrtes, tem custado á nação uma verba que não deve estar muito distante de mil contos de réis, e por fim de contas, nem é palacio, nem é convento, é um emplasto, é uma ruina, é uma vergonha. Com 1:000 contos de réis fazia se um edicio magnifico, digno da representação nacional de um nobre povo.

O convento de S. Francisco da cidade, dividido por tres repartições importantes, como são o Governo Civil de Lisboa, a Academia das Bellas-Artes, e a Bibliotheca Nacional, é improprio para qualquer d'ellas. A entrada para a Academia e Bibliotheca, sem porta, ou guarda vento, torna-se indecente, ainda comparada com a de muitas cocheiras, e a entrada para a secretaria do Governo Civil, por um vestibulo de calçada, e por uma escada que é mister subir de lanterna na mão, para não esmurrar a cara, está abaixo de toda a critica.

Tem agora a cidade uma nova arteria bella, ampla, grandiosa, e já que Camara Municipal consente que os particulares a vão entupindo e estragando com obras, que são outros tantos documentos da falta de gosto e de conhecimento das artes decorativas, estabeleçamos n'ella, nas suas rotundas, nas suas praças, nas suas avenidas espaçosas, o fundamentos para uma Bibliotheca, uma Academia e Museu de Bellas-Artes condignos de uma grande capital, e quasi pediriamos um edificio para a representação nacional, se não fôra chorar-nos a alma pelos 1:000 contos gastos no convento de S. Bento

O convento de S. Francisco não nos ministra uma boa sala de leitura. A que existe, mais corredor que sala, baixa de tecto e janellinhas rudimentares, ainda conserva, para maior vexame, as vidraças de correr anti-diluvianas, que quando abertas, estabelecem correntes de ar perfeitamente dirigidas ás cabeças e thorax dos leitores. Em um ponto elevado, sendo forçoso para chegar a elle, por varias partes, trepar asperas subidas, que agitam o organismo, e excitam a transpiração, não póde haver nada mais hygienico e confortavel, do que uma sala em taes condições! Que diremos d'aquella que foi escolhida para a leitura nocturna?

Não podia fazer se peior cousa. Nem houve attenção ás suas condições, nem á illuminação, nem aos mais pontos que acima tocámos.

É pequena, estreita, mal ventilada. A luz é mal disposta, distribuida por candieiros, sem reflectores, ou quebra-luzes, que a façam incidir principalmente sobre as mesas, e não sobre as paredes e olhos dos leitores; o gaz diffunde um calor extraordinario, e se não houver cuidado, dentro de pouco tempo os retratos que adornam a sala estarão estragados e perdidos e a branca estatua de D. Maria I representará uma carvoeira. Esqueceunos levar um dia um thermometro, para verificar o grau de temperatura d'ella no verão; mas apesar das janellas abertas, estamos convencidos de que era mais que sufficiente para chocar ovos, ou fazer germinar e desenvolver ananazes.

(Continúa) *Erito Rebello.*

DOM TAROUCA

(Continuação)

Elle consentira indifferentemente as algaradas amorosas do seu rapaz, emquanto grassáram pelas filhas do alheio; mas, pois que o rompente seductor ora promettia embarrar-lhe na parentela, o honesto moleiro, — ainda têso e bem assente nas suas resequidas pernas, o rechupado corpo erecto, pulsos quadrados e cabelludos, — dispôz-se sem hesitação nem contrariedade a servir-se da sua soberana auctoridade incontestada e consagrada, do seu direito absoluto e supremo de pae justiceiro, tranquillamente, como quem entra na pautada funcção incoercivel do estreito dever. Levou o tão intrigado quanto perfido Estevam para a cosinha, fechou a porta á chave, calado, em catadura de carrasco; e sem testemunhas, pegou do grosso arrôcho nodoso com que costumava apartar divertidamente os burros, que no quinteiro se escouceavam, ferravam, arrebentavam albardas nas orneadas rivalidades do cio, e sovou com zoantes bordoadas convictas o quêdo e humildado femeeiro. Em seguida ao que, á maneira d'explicação bastante, declarou-lhe energicamente, em termos curtos e desenganados, — que debaixo das suas telhas não tolerava tratantadas; e se o cara estanhada não tomasse conta no recado, elle forçava-o a pôr os quartos no ôlho da rua, e que fôsse para os quintos, para casa do diabo hospitaleiro, estalajadeiro de pandilhas.

— Ouviu?

— Acho que não nasci mouco! Rosnou o outro, dorido, contundido, magoado, damnado, mas submisso, sem uma revolta da sua prosapia brigosa.

Offendido, o Estevam encaturrou; ganhou fastio; desafez-se do trabalho, e deu em vadiar, fugindo para longe desde que a madrugada aclarava, cantada pelas festeiras cotovias, e só voltando para dormir, á hora em que a tardinha se despedia, peneirando sobre a terra a esparsa treva nocturna. Fazia de caçador, levando murchamente uma espingarda debaixo do braço; mas como nunca se apresentava com peça alguma morta, o pae finorio, observador matreiro e ronhoso, insinuava que elle provavelmente não topava senão aves e coelhos furados, já d'antemão esburacados para que o chumbo mortifero os atravessasse sem damno. Por seu lado, a desolada Delfina lacrymejava furtivamente, porque o primo nem com ella trocava palavra, e parecia lhe amuado, hostilmente carrancudo; e a sua dôr aggravou-se, quando o pastor do visinho carniceiro lhe contou que encontrára nos maninhos o Estevam, arrepellado n'uma desesperação, suspirando suffocadamente, ou balando arrancos e ais que enterneciam as compassivas serras, e o ceu, e os bosques gemebundos. Que logo appareceu um caseiro bem informado para espalhar scepticamente que aquillo era léria, pêta acabada, dizendo-se farto de vêr o arredio tosado todos os dias mettido na ribeira a pescar trutas, sempre assobiando e cantarolando contente como um tentilhão, e regalado como um verde sardão gosando ebriamente os calôres de julho. Afinal, por uma linda manhã, em que o velho mergulhava n'uma poça os vimes para a póda, o Estevam foi deliberadamente ter com elle, descarapuçou-se d'um modo quasi solemne, pediu-lhe a benção, conciliadôramente, pela primeira vez depois do bruto espancamento, e declarou-lhe de chofre, n'uma firme explosão arrebatada, a falla nervosamente tremida:

— Sôr meu pae, escute lá: pela bemaventurança de minha mãe, que Deus haja, aqui lhe juro que, se vossemecê me não deixa casar co' a Delfina, eu enterro uma faca no coração!

Maravilhado, o velhote fez um recúo de pasmo, e com os olhos esbugalhados considerou assarapantadamente o filho, quêdo e resoluto; depois, desandou a passear n'um impaciente constrangimento, encolhendo a miudo os hombros, com gestos enlianados d'indecisão; até que estacou, teve o ar sorridente de quem casualmente tropeça n'uma afortunada solução debalde procurada; e mofando ligeiramente:

— Home, visto que assim t'explicas, sou de parecer que te avenhas antes com o abbade, do que dês que fazer ao meliante do coveiro! E n'aquelle dia almoçáram ambos, cordealmente, consolidando as pazes n'um festim de sardinhas salgadas, churriscadas das brazas, e regadas d'uma rôxa agua-pé deslavada. A Delfina andava ás voltas pela cosinha, satisfeita, espantada, e curiosa, demorando se a arrumar panellas e pucaros, segando na escudella as couves para o jantar, pensativa, e achando habilidosamente pretextos para não se affastar, porque presentia um estranho acontecimento de novidade; e quando o tio faceto de repente a chamou, perguntando-lhe sem resguardo se queria casar, porque estava alli aquelle morgado que reclamára a mão d'ella, embatucou, tornou se livida de surpreza, córou de contentamento, e sentiu esse agudo aperto d'alma, que produz o annuncio brusco das imminentes transições capitaes da vida. E sem palavras escusadas d'assentimento, riu se silenciosamente para o Estevam, que a espreitava n'uma ancia.

Era janeiro, quando elles casáram; de modo que raras mancheias de rosas aganadas e pallidas cahiram festivalmente sobre as cabeças dos esposados, á vinda da igreja, desfolhadas em revoadas floreas de petalas que se diriam, torneando ao vento, aladas promessas fugidias de felicidade. Em compensação, o pae do Estevam, desatando de bôa mente os sarralhos da sua fornida bolsa apopletica, apresentou, na sua casa situada dentro do logar, um banquete gargantualesco para a bôda, cuja desusada opulencia foi gabada, divulgada, e exaltada durante dilatadas semanas e mezes a fio pelos proprios convidados, — parentes, visinhos, e amigos escolhidos, acompanhados das suas linguareiras damas, todas tafulas com os vistosos trajos reservados para as ceremonias pomposas. Desde que na grande meza, posta ao centro d'uma espaçosa sala enfumaçada, pannejada da alva toalha que ainda rescendia um vago cheiro das hervas sobre que andára a córar, e completamente guarnecida pelos seus quatro compridos lados de commensaes alegres, a quem a caminhada dupla, para lá e para cá, do arrecebimento dos prasenteiros primos aguçára e cavára o appetite, appareceu a primeira terrina tresbordante de caldo de cebola e castanhas, olhento de gordura, houve logo murmurantes explosões d'enthusiasmo guloso, que não foram senão redobrando accesamente á chegada de cada nova travessa, atulhada de pitança farta e odorosa. Por largas horas, esquecidamente, aquelles robustos labregos, habituados á regular e constante alimentação das vérsas adubadas com azeite ou unto, do bacalhau com batatas, das pratadas abarrotadôras de feijão, das escassas fêbras domingueiras de desenxabido chibo ou reichêllo, e da espessa e pesada borôa, que geralmente ajudavam gorgomilos abaixo com a clara agua das fontes, não poupáram as victualhas copiosas do excepcional repasto opiparo, que a fortuna lhes deparava. E com um denodo nunca vacillante, crescente mesmo, como se os bons bocados se fossem attrahindo uns aos outros irresistivelmente, despenhando-se em catadupa no insaciavel abysmo de taes estomagos elasticos e ferreos, os infatigaveis comilões devoráram successivamente os coixões de carneiro cosido, relevados de moiras frescas do fumeiro; o appetecido arroz de frango, d'uma côr denegrida de centeio; os coelhos guisados, e a abundante carne ensopada; os deliciosos lombos volteados no espeto, rechinados ao calôr do brazeiro; o anho e o leitão bem tenros, córados cuidadosamente no fôrno, com a sua bella côdea alourada, bem depressa esbandalhada pelas implacaveis facas; as gallinhas crestadas á lareira, e numerosos bôlos de milho com salpicões bojudos e chorudos de recheio; o melado sarrabulho, restante da matança recente de dois cevados; — e apesar de só vir ao fim, quando já o soalho estava estrumado d'ossos, e alguns convivas arrotavam

ruidosamente os seus flatos, n'uma affectação nauseante, mas corrente, de delicadeza, enfiando apenas rosarios de desenjoativas azeitonas, para entreter, uma soberba e inesperada perna assada de vitella, que se encommendára especialmente de Mezão Frio, recebeu uma verdadeira acclamação triumphal, não se conservando, decerto, nenhuma meia hora sem ser quasi por inteiro espedaçada e engulida, n'uma azafama tenaz, ainda que mais vagarosa. Pães de trigo molle de Lamego sumiram-se ás dezenas, arrastados na potente e formidavel enxurrada da prolongada comezaina laboriosa; e as infusas vermelhas de bocca estreita, cheias de excellente vinho maduro ou rascante, á vontade dos beberrões deleitados, circuláram sem conta, e esvasiaram-se a folego aberto, — não sem que uma ou outra ficasse lastimosamente feita em cacos, de vez emquando, succumbindo aos brutaes arremeços com que a jogavam de mão em mão, e alagando d'enormes nodoas ruinosas algum as estimadas saias ricas, cujas donas arrenegadas e bulhentas se choravam em lamentações infindas, com suas pragas furibundas d'intermeio, e desabridos ralhos contra os estouvanados.

— É regalar, gente, emquanto ha occasião! recommendava aguilhoadôramente o velho moleiro, com uma lucida ironia surrateira. Entretanto, no meio das desconchavadas e incertas conversas, que se esfarrapavam, interrompiam, continuavam, e baralhavam nos intervallos curtos e desencontrados das garfadas, com um borborinho discordante de vozes diversas, e do barulho sonoro dos pratos e malgas, canécas e copos, o Estevam e a Delfina, sentados um ao lado do outro, tocavam de leve nas comidas, mastigavam distrahidamente, e confidenciavam se recados ao ouvido, frequentemente, trocando alli, no pleno tumulto da sua festa, um ateado galanteio, exacerbado naturalmente pela aproximação da suprema pósse. Ella, desembaraçada e airosa, punha n'um reboliço as lavradas arrecadas pendentes, sempre que virava para elle a sua carinha exultante, d'um moreno carregado; e o regosijado rapaz admirava a amorosamente, encantado com os seus humidos olhos côr d'amora, com os seus cabellos amarellentos como as mais perfeitas espigas de milho, que parecem ardentemente esmaltadas de sol; e não podia impedir-se, no intimo extase do seu desejo, de comparal-a, a não sabia que santas d'estampas coloridas, a imagens encarnadas d'altar, a qualquer mysteriosa princeza das fabulações populares suas conhecidas, — idealisando-a, divinisando-a insensivelmente, tambem por vel-a tão outra com o caro vestido de noivado, de merino azul celeste, a flacida golla de renda e os reluzentes cordões d'ouro enroscados ao pescoço, e, na cabeça, a sua corôa exotica de flôres de lata pintalgadas a cruas tintas.

Augmentou o bulicio expansivo dos glotões, quando se serviu a sobremeza, abastecida largamente das tradicionaes sôpas douradas, d'aletria soterrada n'uma camada opaca de canella, de passucas gostosas d'uvas, ameixas, e figos seccos; e de condeças e açafates acuculados de maçãs e bagudos cachos de casta, de melões inverneiros, e magnificas laranjas perfumadas. As fogaças preciosas, os biscoitos da Teixeira, e as incomparaveis cavacas de Rezende alegráram sobretudo os apreciadôres dos finos vinhos, transparentes e topaziados nas suas garrafas brancas, das adocicadas geropigas, e das escaldantes ginjas enfrascadas em agua-ardente; e não tardou, mesmo, que algumas linguas se embrulhassem n'um começo d'embriaguez, e que certas discussões se tornassem pêrras e claudicantes, ao mesmo tempo que se cruzavam as saudes complicadas, e as corriqueiras chalaças aldeãs, as marôtas allusões a outra bôda melhor, que deveriam gosar os noivos antes da meia noite, ricocheteavam e granizavam n'uma desabafada confusão de risos e palavriados. Era já a animação um pouco febril das digestões, que se activávam, e das inevitaveis bebedeiras que invadiam e estonteavam muitas cabeças. Pela sua parte, a Lianor Ruim, dissidindo arrojadamente da temperança usual das mulheres, emborrachava se de genebra, emborcando a botija com pulso firme; e queixava-se de vágados nas entranhas, para não confessar francamente que se pelava e perdia pela confortadôra pinga effervescente. E como o Marendella, um pandego lavrador d'idade adiantada, se obstinava em permanecer calado a um canto, sem fazer tombelar ás gargalhadas toda a sociedade, consoante costumava, a Lianor implicou com elle, desafiando-o, puxando-lhe pelas pilherias sempre engatilhadas. Mal lhe foi! Porque o Marendella mordaz, então, resolveu promptamente contar-lhe uma historia pequenina, mas de sobejo interessante; e senhor do seu effeito, socegados os convivas, postos em espectativa, reeditou uma injuriosa lenda camponia:

— Que Deus creou o homem com um pedaço de barro, tirando-lhe depois uma costella, com a intenção bondosa de o brindar com a raspectiva femea; porém um gato bréjeiro sobreveiu, que abocanhou o osso, e com elle se foi andando. Ora, por mais que o procurassem, ninguem mais conseguiu descobrir o demonio do felino atrevido e atheu; e o Senhor Pae do ceu não teve remedio senão recorrer a uma macaca, á qual mandou cortar o rabo, ageitando com elle a mulher, — o que claramente explica a sua exquisita indole caprichosa e ladina!

Esta fantasista invenção da Eva quadrumana, ridicularisando a mythica primeira mãe, escandalisou grandemente todas as mulheres presentes.

— Olh'agora! Su má lingua! — protestavam ellas, n'uma esganiçada algazarra, a que se misturavam os brados d'applauso dos homens. Mas o gago Qui-qui-báe-melro, pacato e excentrico, sacou do bolso indifferentemente um pastoril frautim de canna, crivado de furos negros, e entrou a gaitear variações sobragudas e penetrantes, com dedilhamentos ageis e complacentes meneios de cabeça; e de repente, como se aquillo fôsse um signal combinado, compadres e comadres saltáram em desordem para o meio da casa, com os tornozêlos escocegados, e desatáram a pular uma dansa frenetica, vigorosamente sapateada, galopando aos pares em torno da meza.

— Vá de roda!

Palmeavam cadentemente, e n'um berreiro cantavam o

Agua leva o regadinho...

E o revolto bailado estrepitoso abalava a casa á maneira d'um tremor de terra, ameaçava fazer desabar o telhado sem fôrro. Então o moleiro, azedado por fim com tanta zoeira estroina, escancarou a porta impacientemente, e como um enxame d'abelhas prisioneiras, empilhando um buraco salvadôr para se escaparem, os da funcção nupcial sahiram para a rua d'escantilhão.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

Processo do architecto inglez John Coustos

CONDEMNADO PELA INQUISIÇÃO DE LISBOA POR SER PEDREIRO-LIVRE

1743 — 1744

(Continuado do n.º 284)

«Seis semanas tinham passado e já de novo me submetteram aos tractos.

«D'esta vez os braços violentamente voltados de dentro para fóra, apresentavam no exterior a parte que costuma apoiar-se nos quadris. A mesma corda me apertava os pulsos. Passada a uma roldana e puchada por um sarilho, as duas mãos acharam-se em contacto. A violencia da operação deslocou-me os braços nas espaduas. O peito comprimido expelliu sangue, que eu deitei pela bocca. Tres vezes me fizeram soffrer estes tractos de polé. Levado em braços á minha cellula, alli os cirurgiões para me indireitarem os ossos, fizeram-me soffrer novos tormentos.

«Não estava ainda satisfeita a ferocidade dos dominicanos. Conduzido novamente á sala das torturas, por duas vezes soffri tractos, cuja dôr intensa é impossivel descrever.

Cingiram-me o corpo com uma grossa cadeia de ferro a qual dando duas voltas se crusava no peito. N'esse estado fui estendido sobre uma tabua terminada por duas roldanas ou polés, nas quaes passava uma corda presa na extremidade da cadeia. As cordas puchadas com violencia por meio de um sarilho, enrollavam-se n'um cylindro de madeira, fazendo entrar os *élos* da corrente nas carnes e comprimindo o peito.

«Um ultimo esforço, deslocou-me os hombros e os punhos. Alguns momentos depois fui novamente atormentado, mas o céo deu-me coragem necessaria para sahir triumphante d'esta horrivel privação. Affastado d'aquelle logar de horror, entregaram-me aos cirurgiões, que me trataram das feridas, reintegrado que fui na prisão, na qual deveria esperar o proximo auto de fé.

«É impossivel fazer idéa dos tormentos que soffri com a applicação da tortura nove vezes repetida. O excesso do soffrimento arrancava-me gritos de desespero. Pedia a morte, termo aos meus males, e durante muitas semanas foi impossivel levar as mãos á bocca para comer. Os meus membros estavam lividos e inchados, o sangue ardia-me com febre. A incerteza da sorte, o receio de sahir do carcere para subir á fogueira, tudo isso me augmentava o desespero e mais de uma vez julguei que a morte ia privar os meus carrascos da sua victima. Todavia, curei-me e o tribunal limitou se a condemnar-me a 4 annos de galés. A sentença foi lida por occasião do auto de fé celebrado a 21 de junho de 1744.

«Quinze dias antes da fatal ceremonia tinha ella sido annunciada em todas as egrejas. Depois d'este aviso os fieis foram publicamente exhortados a não ultrajarem os condemnados, mas a fazerem preces a Deus pela sua conversão.

«Na vespera da solemnidade mandou o tribunal que os condemnados estivessem promptos de manhã muito cedo, tendo recebido cada um vestuario preto para substituir os trajos ordinarios.

«Os desgraçados accusados de judaismo, e que não obstante os horrores da turtura, tinham persistido na sua crença, distinguiam-se dos outros condemnados por uma especie de escapularios chamados *sambenitos*. É um pedaço de panno amarello, do comprimento de duas varas, cortado de tiras vermelhas; ao meio ha um buraco por onde passa a cabeça, os dois lados caem sobre o peito e as costas.

«Os presos accusados de feitiçaria, magia, etc., usam do mesmo vestuario, tendo além d'isso na cabeça uma mithra de papelão de pé e meio de alto coberta de pinturas grosseiras representando chammas e diabos, com a palavra *feiticeiro* escripta em lettras grandes.

«Os presos que não são condemnados á pena do fogo levam na mão uma vela de cera amarella. Eu fui o unico a quem não deram esse signal de reconciliação. Julgaram-me indigno por ter persistido protestante.

«Os judeus relapsos, os catholicos convencidos de heresia e condemnados ao fogo por terem recusado confessar os seus crimes, levam os hombros envoltos n'uma especie de tunica chamada *samarra*, muito mais curta que os *sambenitos*. De ambos os lados tem pintados muitos diabos e chammas e os nomes da victima.

«Os blasphemos vão amordaçados e vestidos do mesmo modo.

«Na sinistra procissão os frades dominicos abriam a marcha precedidos do pendão da ordem, seguidos do pendão e do crucifixo da Inquisição, em seguida iam os condemnados escoltados cada um de dois familiares. Estes são responsaveis dos presos confiados á sua guarda: devem reconduzir ás prisões aquelles que o tribunal não condemnou á morte (1).

«Os judeus conversos eram os primeiros; vinham depois os feiticeiros que tinham confessado o crime, e por fim os infelizes destinados ás chammas.

«O prestito atravessou o pateo do edificio, desfilou em frente do rei e da familia real e, tomando um dos lados do Rocio, subiu a rua dos Odreiros e voltando á rua dos Escudeiros atravessou pelo outro lado chegando ao Rocio e entrando na egreja de S. Domingos, armada de pannos vermelhos e amarellos.

«Em frente do altar mór erguia-se uma trincheira de muitos estrados, destinada aos presos e guardas. O altar ornado com magnificencia era illuminado por grande numero de vellas. A direita estava collocado o pulpito, á esquerda prolongava-se uma galeria, onde estavam assentados por ordem de jerarchia, el-rei, a familia real, os grandes do reino e os ministros estrangeiros; á direita d'esta galeria ficava a dos inquisidores: o intervallo que as separava era occupado por um confissionario, onde os inquisidores recebiam as revelações dos condemnados aos quaes o terror dos supplicios arrancava as tardias declarações.

«Estando cada um no seu logar, subiu ao pulpito um frade dominicano que fez um extenso sermão louvando a Inquisição, exhortando os presos não condemnados á pena capital a mostrarem-se reconhecidos pela indulgencia do tribunal, renunciando sinceramente a todos os crimes de que tinham sido convictos. Voltando-se para os infelizes condemnados ás chammas convidou-os a aproveitarem o pouco tempo, que lhes restava de vida, pela confissão dos seus erros a fim de obterem commutação da pena.

«Emquanto durou o sermão trouxeram algum alimento aos presos. O ar livre de que estavamos privados havia tantos mezes e o cançasso de uma longa marcha tinham feito cahir em deliquio a maior parte dos meus desgraçados companheiros. Distribuiram-nos agua e alguma fructa secca.

(Continúa) *João de Mendonça.*

(1) A Inquisição não condemnava. Instaurava processo e relaxava em carne o condemnado aos tribunaes seculares recommendando-lhe hypocritamente que usasse misericordia e procedesse sem effusão de sangue.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição de Bellas Artes. Annunciam-se duas exposições de quadros para um periodo proximo. A primeira é a do *Grupo do Leão*, nas salas do *Commercio de Portugal* e que deverá ser aberta, conforme o costume, em 15 de dezembro proximo. A segunda é da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, na Academia de Bellas Artes, e que projecta abrir-se em maio do anno que vem.

Exposição universal de Paris. A commissão superior de quarenta e trez membros nomeada para a direcção geral da exposição de 1889 sob a presidencia do sr. Lockroy, ministro do commercio, approvou definitivamente, a 28 de outubro ultimo, os planos e projectos dos srs. Alphand e Berger, resolvendo adjudicar desde logo os primeiros trabalhos e as construcções metalicas da parte central, em uma superficie de noventa mil metros quadrados. Os srs. Alphand e Berger explicaram, n'esta reunião, que os planos submettidos á commissão representam um palacio que cubrirá duzentos cincoenta e cinco mil metros quadrados, mais trinta mil que em 1878, e isto independentemente das exposições de agricultura, de horticultura, das dos ministerios, e de todas as mais não classificadas que devem existir nos parques e nos jardins. A capital da França, onde ha annos se nota uma certa decadencia commercial e industrial, trata de acudir a essa crise com este grande certamen da industria. Quando teremos nós uma exposição universal ou internacional?

Canal industial de Berga. Julga-se por muita parte que a Hespanha está atrasada, e comtudo vemos todos os dias noticias d'aquelle paiz com que se prova que elle se não descuida dos melhoramentos materiaes, alguns d'elles até que são letra morta no nosso paiz. É assim que vemos com prazer a noticia da concessão do canal industrial de Berga e dos melhoramentos e beneficios que póde produzir. Deprehende-se, da memoria publicada, que com dois milhões de pesetas, ou sejam trezentos e sessenta contos de réis, do qual provavelmente se não receberá mais que 80 p. c., ou duzentos e oitenta e oito contos, se poderão abrir os vinte kilometros do canal, construir uma presa em Guardiola, distribuir as aguas em dezoito quedas e edificar quatro fabricas com a força de 200 cavallos cada uma, obtendo um rendimento minimo de 7 p. c. do capital effectivo, e ficando disponivel a força util de 3:007 cavallos para vender ou alugar. Parece em principio um bom projecto e um bom negocio. Quando trataremos nós de impedir que as aguas dos nossos rios vão ter ao mar sem haverem produzido algum trabalho util. Um paiz tão retalhado de aguas como Portugal, devia aproveitar com mão sabia esse grande beneficio que a provida natureza lhe concedeu.

Pelourinho da villa de Collares (Desenho do natural por Cazellas)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Alma minha gentil... por Luiz de Camões. Lisboa, Typographia Elzeviriana, 1886. É este o 2.º volume do *Florilegio de Bibliophilos*, tão auspiciosamente encetado com a publicação das poesias de Bernandim Ribeiro, pelo sr. Alfredo de Carvalho, editor. O celebre soneto de Camões vem traduzido n'este volume em dezesete linguas, alem de duas variantes em portuguez. As linguas estrangeiras são as seguintes, com differentes versões: mirandez; castelhana, duas versões; gallega, duas versões; italiana, nove versões e trez variantes nos tercetos; reggitana; siciliana; bolonheza; veneziana; friulana; milaneza; genoveza; catalan; franceza, trez versões em prosa; ingleza, cinco versões; alleman, cinco versões; vasconça; ethiope. Reunir todas estas versões que do inestimavel soneto se tem produzido em differentes linguas por admiradores do immortal poeta, representa um trabalho apreciavel para o qual é preciso tempo e persistencia; mas reunir esses sonetos no formoso livro que temos deante dos olhos representa mais alguma cousa que tempo e persistencia: representa arte e gosto pouco vulgar, ou, melhor ainda, nada vulgar em edições portuguezas. Quando se contemplam livros como este, é que reconhecemos quanto temos andado affastados dos grandes progressos da typographia, pela extraordinaria impressão que nos faz o ver trabalhos typographicos d'esta ordem, feitos em Portugal. Ha n'este livro perfeições typographicas, para conseguir as quaes é preciso um profundo conhecimento da arte de Guttenberg, a par de um gosto apurado, e são estas qualidades que distinguem o sr. Alfredo de Carvalho, sob a direcção do qual foi feita a composição e impressão do livro, que bem se pode classificar de um primoroso especimen. A revisão da obra, confiada ao sr. dr. Xavier da Cunha, um dos mais apreciados collaboradores do Occidente, é escrupulosamente feita, e o mesmo senhor precede o soneto de Camões com uma carta ao editor, que serve de proemio, tão elegantemente escripta quanto modesta e despretenciosa no fundo. D'esta edição apenas se tiraram duzentos exemplares numerados, dos quaes nos foi offerecido o n.º 188, que em especial agradecemos. Terminaremos por dizer que o *Alma minha gentil...*, se é a mais brilhante joia que enflora a coroa de Camões, a edição de que vimos de falar é o que de melhor se tem produzido em typographia em Portugal até ao presente. Dizendo isto, dizemos simplesmente a verdade.

Revista de medicina militar, *director* Eugenio Augusto Perdigão, — *Porto, Typographia Elzeviriana, rua do Bomjardim, 190, 1886.* — Primeiro fasciculo, 1 de outubro de 1886. — Começou no 1.º do mez passado a sua publicação, no Porto, este novo orgão da medicina militar. Já tinhamos em Lisboa, a *Gazeta dos hospitaes militares*, e o novo campeão, vem juntar os seus esforços aos do periodico lisbonense. Desejamos-lhe longa vida. Pelo summario do que contém este fasciculo poderá julgar-se da sua utilidade. Além da *introducção* pelo director, vemos os seguintes artigos: *Deveres e direitos*, pelo sr. Joaquim Theodorico Perdigão; *Organisação do serviço medico-militar*, pelo sr. Maximiliano de Lemos Junior; *As inoculações e o mormo*, pelo sr. Alves Torgo; *A suggestão e a histeria no exercito*, pelo director do periodico; *Cronica e noticiario*. O periodico é bi-mensal, publicando-se nos dias 1 e 16 de cada mez, e a correspondencia deverá ser dirigida ao director, rua dos Martyres da Liberdade, 259, Porto.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana — 1886, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, Typ. do Archivo dos Açores.* — Oitavo volume, fasciculos XLIII e XLIV, primeiro e segundo do referido volume. Ainda ha pouco tempo haviamos noticiado a publicação do fasciculo XLII, ultimo do setimo volume, e já hoje temos nas nossas mãos os dois primeiros fasciculos do 8.º volume d'este já largo repositorio de documentos e noticias, interessantes para a historia de um dos annexos mais importantes de Portugal. Concluem no primeiro fasciculo as *Notas açorianas* do sr. Ernesto Rebello, entre as quaes, ha algumas especies interessantes. No segundo prosegue a collecção de documentos que vão desde 1516 até 1794, em numero de cerca de setenta, de especies variadas, alguns de grande importancia, como os de D. Antonio, prior do Crato, e os insertos em nota a pag. 149, e outros pela sua significação como o da pag. 184. D'esta maneira continua o sr. dr. Ernesto do Canto a sua improba e valiosa tarefa, com a tenacidade que o caracteriza, e que honra a sua terra.

Lisboa elegante, *Chronica mensal,* director, João Costa. Typographia e lythographia de Adolpho Modesto & C.ª Lisboa. Começa a quadra das publicações novas, em Lisboa, e esta que nos chega com as primeiras nuvens do inverno e as longas noites chuvosas, promette fazer-nos passar algumas horas agradavelmente com a leitura das suas paginas, caprichosamente illustradas de desenhos por Joaquim Costa. A *Lisboa elegante* é effectivamente uma publicação elegante e que offerece novidade, pelo gosto com que é feita e pela boa escolha de artigos litterarios e poesias, onde encontramos os nomes de Pinheiro Chagas, Fernandes Costa, Gervasio Lobato, Christovão Ayres, J. Lima, M. Pina, Fialho de Almeida, Eduardo Swalbach, Jayme Victor, A. Mello e D. Adelia Conde auctora d'uma melodia para canto e piano. Com tão distincta collaboração, é de esperar que a *Lisboa elegante* tenha um acolhimento excepcional por parte do publico. Se as nossas leitoras, não teem já passado alguns momentos agradaveis na sua leitura, aqui lhe fica a prevenção, para que nos não accusem de omissos em lhe darmos novidades litterarias que tanto as podem interessar.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.